

ESPIRITUALIDADE NA PRÁTICA CLÍNICA

Ana Luisa Baptista

*A semente de Deus está em todos nós.
Sendo-lhe dado um lavrador inteligente e esforçado,
ele medrará e crescerá para tornar-se Deus, de quem é semente;
e conseqüentemente, seus frutos serão a natureza divina.
As sementes de pêras crescem e se transformam em pereiras,
as sementes de nozes em nogueiras
e a semente de Deus em Deus.
Mestre Eckhart¹*

A experiência é um acesso ao conhecimento, mas a experiência não é um conhecimento, porque o conhecimento é². E a experiência mais íntima do ser humano refere-se à experiência religiosa, que permite a conexão e o conhecimento do divino em suas múltiplas formas. Esta só pode ser expressa simbolicamente.

Compreender e explicar o mundo a si mesmo, ao outro, e as relações estabelecidas entre estes elementos é função simbólica. O símbolo nos liga ao desconhecido e só é compreendido *quando se chegou a despojá-lo de suas formas, para nele encontrar a experiência pura³.*

Para **Jung** o símbolo é o que realiza a mediação entre o vivido/sentido e o concebido/imaginado. *Tem um significado e um objetivo transcendentos e que se expressam por meio de imagens⁴.* Carrega um significado coletivo e um sentido individual. O primeiro é objetivo, referente ao próprio Inconsciente Coletivo. O segundo é subjetivo, tendo uma representação para o sujeito, própria do Ego e da Consciência.

O Símbolo é portador de significados no fluxo entre Consciência e Inconsciente. Traz na concretude da imagem algo apreensível pela Consciência e encobre algum conteúdo inconsciente.

A realidade psíquica consiste em imagens primordiais (arquétipos), sendo estas, a única realidade direta vivenciada pela Psique. Integra forma, sentido e significado.

As experiências simbólicas, segundo **Jung**, são sempre numinosas por serem fascinantes enriquecedoras e misteriosas.

É através da função simbólica que surge o rito e, mais tarde, transformando sentido em forma, o mito.

¹ In CAVALCANTI, Raissa – O Retorno do Sagrado: a Reconciliação entre Ciência e Espiritualidade. São Paulo: Cultrix, 2000, p - 208.

² FRAISSE, Anne – Fonte de Fogo: Ensino e Iniciação: Vida, Morte e Renascimento num Percurso Analítico. Rio de Janeiro: Mauad, Bapera, 1998 – p. 58.

³ HUMBERT, Élie G. , In FRAISSE, Anne – Fonte de Fogo: Ensino e Iniciação: Vida, Morte e Renascimento num Percurso Analítico. Rio de Janeiro: Mauad, Bapera, 1998, p – 83.

⁴ CAVALCANTI, Raissa – O Retorno do Sagrado: a Reconciliação entre Ciência e Espiritualidade. São Paulo: Cultrix, 2000, p – 145.

Entende-se por rito

... o ato que liga o Homem ao seu sistema de crenças, aquilo que ele faz para satisfazer ou defender-se de seus deuses (ou de suas necessidades internas). Rito é a liturgia, é a religio, a religião. É a necessidade em ação! Mas, mesmo sendo ato, não é um ato vulgar, é um ato simbólico. É no contexto dos rituais que primeiramente nos encontramos frente ao símbolo, aquilo que faz a ponte entre o ato e aquilo que ele significa⁵.

Diz **Jung**, as pessoas ... *no rito estão próximas de Deus; são até mesmo divinas*⁶.

Assim, *sob a forma abstrata, os símbolos são idéias religiosas; sob a forma de ação, são ritos ou cerimônia*⁷.

Com a conquista da linguagem verbal, surge o Mito. Este é uma fala, uma comunicação, que trás, portanto, uma mensagem.

Os ritos e mitos estão na base da construção de todas as religiões. Pode-se observar sua transformação no decorrer do tempo, sendo que os antigos deuses e ritos, ganharam novos nomes e novas formas, sendo substituídos de acordo com as necessidades dos diferentes povos, suas culturas e sua vida social e política.

Por definição, tudo aquilo que é divino situa-se além da nossa capacidade de compreensão. Assim,

A religião é o reconhecimento das realidades mais elevadas que a consciência não consegue compreender e, quando levada à plena fruição psicológica, produz a unidade interior e a totalidade do ser humano⁸.

Sob a ótica junguiana, todas as religiões recolhem e conservam imagens simbólicas advindas do Inconsciente Coletivo, e são elaboradas em dogmas, realizando, assim, conexões com as estruturas básicas da vida psíquica.

Jung utilizava os termos "*Deus*" ou "*divindades*" no contexto simbólico. Para ele *ambos se encontram como tais muito além do alcance humano. Revelam-se a nós como imagens psíquicas, isto é, como símbolos*⁹. E, os símbolos, possuem características culturais de arquétipos universais, sendo, cada um, produtos únicos da experiência de grupos específicos com suas sensibilidades próprias.

Mas, o termo religião é amplamente utilizado, podendo ser interpretado de diferentes formas.

⁵ BAPTISTA, A. L. e RIBEIRO, M. L. – Mitologia e Arteterapia: uma Vivência Terapêutica, POMAR - Revistas Imagens da Transformação. Rio de Janeiro: Pomar v. 8, 2001, p – 18/19.

⁶ JUNG, C.G A Vida Simbólica. Petrópolis, RJ: Vozes. Vol. XVIII/1, 1998 - par. 273.

⁷ JUNG, C.G A Energia Psíquica. Petrópolis, RJ: Vozes, Vol. VIII-1, 1997 - par. 45-46.

⁸ HOELLER, Stephan – A Gnose de Jung e os Sete Sermões aos Mortos. São Paulo: Cultrix, 1991 – p. 252/253.

⁹ JUNG, C.G - A Vida Simbólica. Petrópolis: Vozes. V.XVIII/2. 2000, par 296.

Pode ser visto como um sistema de representações fixas, ou seja, um conjunto de símbolos nos quais as significações culturais se sobrepõem às correspondências psíquicas naturais e geralmente as oculta.

Todo símbolo religioso pertence à linguagem das religiões e estão envoltos em dogmas e rituais fortemente organizados. Designam conteúdos dogmáticos e fenômenos religiosos. As principais figuras simbólicas de uma religião constituem sempre a expressão da atitude moral e espiritual específica que lhe são inerentes.

Entendida dessa forma a religião supõe o fenômeno da crença e o prolonga com um corpo de dogmas. Neste formato ela se apresenta, por meio de ritos e liturgias próprias, que são mediadores necessários no encontro do homem com o divino.

Assim,

As organizações ou sistemas são símbolos que capacitam o homem a estabelecer uma posição espiritual que se contrapõe à natureza instintiva original, uma atitude cultural em face da mera instintividade. Esta tem sido a função de todas as religiões.¹⁰

Esta visão surge com a institucionalização da religião judaica-cristã, que por desconsiderar as formas de expressão religiosa dos chamados povos primitivos e politeístas, perseguiu-as, buscando “*padronizar*” a relação com o divino.

Mas, como observa **Jung**,

A Idade Média, a Antiguidade e a Pré-história ainda não estão extintas, como muitos 'esclarecidos' pensam, mas continuam alegremente vivas, em segmentos significativos da população. As mais antigas mitologias e magias continuam, como sempre, prosperando em nossos meios e só são ignoradas por alguns poucos que se distanciaram do seu estado original, através da educação racionalista. Sem levar em conta a simbologia eclesiástica, visível em toda parte, que corporifica uma história espiritual de seis milênios e a repete constantemente, os seus parentes pobres, ou seja, os conceitos e rituais mágicos, continuam vivos, apesar de toda instrução escolar¹¹.

O termo religião também pode ser compreendido no sentido da experiência religiosa.

Sob esse prisma, a religiosidade poderia ser desenvolvida, cultivada ou aprofundada, como também poderia ser negligenciada, deturpada ou reprimida. Visto ser uma função psíquica e, como tal, está em busca de um meio de expressão, um caminho para dar vazão à sua carga energética, que pode assumir as mais variadas formas.

¹⁰ JUNG, C.G - A Energia Psíquica. Obras Completas, vol. VIII – 1, Petrópolis: Vozes, 1997 - par. 57.

¹¹ JUNG, C. G. – Civilização em Transição. Obras Completas, vol. 10 - Petrópolis: Vozes, 1993 - p..

Com esse entendimento, o termo *religio* ou *religare* traduz-se em tornar a ligar e a função da religião é estabelecer uma ligação entre o consciente e os conteúdos do inconsciente. É a libido que constrói imagens religiosas, representando o laço que nos vincula à nossa origem.

Jung acreditava que o objetivo da vida era a manifestação do núcleo único ou individual, a que denominou "*Self*" (ou Si-Mesmo), que é inerente a cada pessoa.

Entende-se por *Self* o

arquétipo central do inconsciente coletivo, como o sol é o centro do sistema solar. O Si-mesmo é o arquétipo da ordem, da organização e da unificação; atrai para si e harmoniza todos os arquétipos e as suas manifestações em complexos e consciência. Unifica a personalidade, dando-lhe um sentido de "unicidade" e "firmeza"¹².

Trata-se do arquétipo que é o centro regulador e unificador da psique total (consciente e inconsciente). Sua meta é a inteireza e a completude psicológicas. *É um princípio numinoso, transcendente e imutável, presente em todas as coisas*¹³.

No nascimento, tudo é *Self*: o ego latente está em completa correspondência com ele. Com o passar do tempo, porém, o ego e o *Self* começam a se separar.

À medida que crescemos, e no decorrer de um desenvolvimento normal, o Ego vai ficando cada vez mais diferenciado do *Self*. Isso facilita a realização das tarefas da primeira metade da vida, onde se faz necessário estabelecer um senso de identidade pessoal, que possibilite ao sujeito desenvolver uma carreira, casar-se ou entrar num relacionamento significativo, dar à luz e criar filhos, contribuir com a sociedade, e se tornar independente da família de origem.

Na meia idade, os desafios psicológicos modificam-se. Ocorre, então, um movimento natural na direção do *Self*: a individuação. Esta é ao mesmo tempo um princípio e um processo que está subjacente a toda atividade psíquica.

Tudo aquilo que vive amadurece. O carvalho já está imaginado dentro da bolota. A flor já está presente, se não ainda visível, dentro da semente. Para Jung, o mesmo acontecia com os seres humanos. Temos dentro de nós quem devemos ser. Mas este caminho da individuação, segundo Jung, não é apenas um processo natural que simplesmente "acontece". Não é um processo passivo. Pelo contrário, precisa ser experimentado *conscientemente*, isto é, com conhecimento¹⁴.

De fato, é esta idéia de que a individuação é um processo consciente que a torna tão importante. Caminhamos para a inteireza quando começamos a nos conhecer. Este

¹² HALL, C. S. e NORDY, V. J., A Primer of Jungian Psychology, Nova York, New American Library, 1973 - p. 51.

¹³ CAVALCANTI, Raïssa – O Retorno do Sagrado: a Reconciliação entre Ciência e Espiritualidade. São Paulo: Cultrix, 2000, p – 154.

¹⁴ BREHONY, Kathleen – Despertando na Meia Idade. São Paulo: Paulus, 1999.

conhecimento depende de um relacionamento vital, de um diálogo, de uma dialética, entre o ego e o inconsciente.

Para **Jung**, a meta não é ser perfeito e, sim, ser inteiro. A inteireza, por definição, inclui um conhecimento de todos os aspectos da nossa personalidade, inclusive aquelas características que preferíamos não reivindicar para nós. **Jung** observou:

A meta não é superar nossa psicologia pessoal, tornar-se perfeito, mas familiarizar-se com ela. Assim, a individuação inclui um conhecimento crescente da própria realidade psicológica singular, inclusive de forças e limitações pessoais, e ao mesmo tempo uma profunda apreciação da humanidade em geral¹⁵.

O valor do processo está, antes, naquilo que acontece ao longo do caminho; aquilo que nós aprendemos a nosso respeito, sobre a experiência de ser humano, sobre o nosso relacionamento com nós mesmos, com a vida inteira e com o cosmos. É a própria jornada que é o destino. **Jung** escreveu: *A meta é importante, mas somente como idéia. O essencial é o opus que conduz à meta: essa é a meta da vida inteira*¹⁶.

E estamos sendo movidos nesse caminho pelo nosso próprio empenho interior em nos tornar quem sempre deveríamos ser. E esse processo leva naturalmente a uma abertura do espírito, a uma sabedoria interior mais profunda, ao esclarecimento. Neste lugar é possível amar incondicionalmente a si mesmo e aos outros. Mas a estrada nunca é regular, nem fácil. Requer coragem e fé no processo, para abandonar a mentalidade coletiva, para sair do que é seguro e conhecido. Esta idéia de partida daquilo que é seguro para enfrentar o desconhecido e embarcar em aventuras que levam em conta uma transformação do Self é descrita em contos, histórias e mitos, e pode, também, ser observada em esculturas, desenhos e pinturas, provenientes de todas as culturas e ao longo de todos os períodos da História.

Para **Jung**, o Self incorpora alma, mistério, Deus-imagem dentro, a essência básica que não pode ser conhecida.

Sua idéia a respeito do Self está mais próximas das escolas orientais de pensamento e dos místicos cristãos do que das preocupações habituais da psicologia, uma vez que o aspecto transcendente da consciência humana e o espectro da consciência, apontam para a expansão da mesma e para sua fusão com o infinito.

Para ele, no nível do Inconsciente Coletivo, a pessoa percebe a unidade e a inter-relação de todas as coisas. Cada coisa, pessoa, animal, planta, da menor partícula atômica à maior galáxia, todos são partes do Um.

¹⁵ Daryl Sharp, C. G. Jung Lexicon: A Primer of Terms and Concepts, Toronto, Inner City Books, 1991, p - 68.

¹⁶ JUNG, C. G. - A Psicologia da Transferência, Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, Vol. XVI, par. 400.

Trata-se de um lugar interno onde, ... *há indícios de que pelo menos uma parte da psique não está sujeita às leis do espaço e tempo ... A psique às vezes funciona fora da lei espaço-temporal da causalidade...*¹⁷. Pois, como afirma **Jung**,

... vivemos longe das fronteiras da nossa consciência... Sem o nosso conhecimento, a vida do inconsciente vai prosseguindo dentro de nós... comunicando-nos coisas... fenômenos sincrônicos, premonições e sonhos que se realizam¹⁸.

É aí que encontra-se a essência humana. A “*esseidade*” não se restringe ao corpo e ao cérebro. Ao invés disso, existe algum aspecto atemporal, não-espacial, além das limitações do mundo tal como o percebemos pelos cinco sentidos.

O conceito de Self aponta, portanto, para a unicidade de todas as coisas, o que necessariamente evoca a idéia do Divino. Reflete a idéia de que somos um com Deus e que Deus está em todos nós, presente desde a antiguidade, como mostra o trecho abaixo que se refere ao culto a Deusa Mãe.

Eu, que sou a beleza da terra verde e da lua branca entre as estrelas e os mistérios da água, invoco seu espírito para que desperte e venha até mim. Pois eu sou o espírito que dá vida ao universo. De mim todas as coisas vêm e para mim todas devem retornar. Que a adoração a mim esteja no coração que rejubila, pois, saiba, todos os atos de amor e prazer são meus rituais. Que haja beleza e força, poder e compaixão, honra e humildade, júbilo e reverência dentro de você. E você, que busca conhecer-me, saiba que a sua procura e ânsia serão em vão, a menos que você conheça o mistério: pois, se aquilo que buscar não se encontrar dentro de você, nunca o achará fora de si. Saiba, pois, eu estou com você desde o início dos tempos, e eu sou aquela que é alcançada ao final do desejo¹⁹.

Todos nós estamos íntima e definitivamente ligados. Pois, *Tudo o que existe na psique existe, e essa existência psíquica é tão real quanto a física*²⁰.

Simbolicamente o Self seria expresso pela imagem de Deus presente e projetada no decorrer da História da humanidade. É a imagem da totalidade gravada no Inconsciente Coletivo.

Assim, *o símbolo do Self e a imagem de Deus no homem, são na verdade a mesma coisa*²¹, uma vez que para **Jung**, como na tradição hermética, o mundo que está fora de nós, o Macrocosmo, o infinito - é aquele que está dentro - e o Microcosmo - a vida interna - é

¹⁷ JUNG, C. G. – Memórias, Sonhos e Reflexões, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975 - p. 304.

¹⁸ Ibid, p - 302.

¹⁹ STARCHWK – A Dança Cósmica das Feiticeiras: Guia de Rituais à Grande Deusa. In STEIN, Diane – I Ching para Mulheres: uma Visão Moderna do Oráculo Racional. São Paulo: Record: Nova Era, 2001 – p. 15.

²⁰ HOELLER, Stephan – A Gnose de Jung e os Sete Sermões aos Mortos. São Paulo: Cultrix, 1991 – p. 257.

²¹ CAVALCANTI, Raïssa – O Retorno do Sagrado: a Reconciliação entre Ciência e Espiritualidade. São Paulo: Cultrix, 2000, p – 154.

projetado para fora. Ambos são definidos como eternidades: a primeira vinculada ao mundo exterior e a segunda ao universo interior.

Podemos começar a perceber que somos únicos no mundo inteiro, que nunca ninguém foi exatamente quem somos. Ao mesmo tempo, somos um grão de areia na praia. Todos nós vamos experimentar os fundamentos do grande drama humano. Todos somos parte do mesmo mistério. Como uma colherinha de água retirada do grande oceano, somos, em última análise, feitos do mesmo material como todo o resto do cosmo e destinados a retornar a ele²².

Pois o ... *verdadeiro eu de nós mesmos, que está relacionado com Deus, é simplesmente Deus-em-nós*²³, ou seja, nossa experiência de sua existência.

Mas, *a imagem de Deus não se revela menos potente por existir dentro de nós e não fora. Quanto mais confiarmos e nos apoiarmos nela, submetendo-nos à sua sabedoria ... , mais partilharemos da criatividade espontânea da psique objetiva*²⁴.

Conhecer o Self exige que olhemos profundamente para dentro de nós e que tornemos consciente o que é inconsciente. Este processo exige que nos desapeguemos de muitas crenças que aparentemente nos serviram anteriormente. É necessário que olhemos honestamente para dentro de nós e entendamos a nós mesmos de modos diferentes. Isso inclui conhecer o nosso próprio lado de Sombra, o nosso lado escuro. A consciência depende de conhecer o até então desconhecido. Dentro da escuridão está o nosso resto de humanidade, sabedoria, compaixão e compreensão do significado da nossa existência e a nossa conexão com o espírito.

Não há caminho na luz que não faça a travessia da sombra ... Aquele que não conheceu sua sombra, aquele que não reconhece os seus limites, o que ele pode reprimir em diferentes níveis, conhecerá apenas uma falsa luz, um ofuscamento. A verdadeira luz não se vê, mas ela nos permite ver. Ela nos permite ver todas as realidades, mesmo as mais terríveis, no exterior e no interior²⁵.

Jesus disse: *Se deres à luz aquilo que está dentro de ti, aquilo que tens te salvará. Se não deres à luz aquilo que está dentro de ti, aquilo que não deres à luz te destruirá*²⁶.

²² BREHONY, Kathleen - Despertando na Meia Idade. São Paulo: Paulus, 1999.

²³ CAPRA, Fritjof, STEINDL-RAST, David – Pertencendo ao Universo: Explorações nas Fronteiras da Ciência e da Espiritualidade. São Paulo: Cultrix/Amaná, 1999, p – 103.

²⁴ HOELLER, Stephan – A Gnose de Jung e os Sete Sermões aos Mortos. São Paulo: Cultrix, 1991 – p. 257.

²⁵ LELOUP, Jean-Yves, in BOFF, L. e LELOUP, J. Y. – Terapeutas do Deserto: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckeim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001 – p. 96.

²⁶ The Godspel of Saint Thomas, p. 53 – In BREHONY, Kathleen - Despertando na Meia Idade. São Paulo: Paulus,

Essa visão se faz presente na concepção junguiana de Individuação, onde a integração de opostos leva a um desenvolvimento harmônico e a uma interação criativa e saudável consigo, com o outro e como o meio físico e humano, uma vez que o ser humano é *um nó de relações*²⁷. E nada existe fora da relação que se estabelece. Dizia **Jung**: *Ninguém pode ter ligação com o próximo, se não possui primeiro consigo mesmo. Inversamente, o Self nunca está completo sem a ligação com o outro*²⁸.

Pois,

... tudo tem a ver com tudo, em todos os momentos e em todas as circunstâncias. Não existem coisas, existem pontes que fundam as coisas. Não existem os objetos, existem as subjetividades que têm histórias, que estão abertas uma às outras, as relações que envolvem todo o mundo²⁹.

No processo psicoterápico a religiosidade se faz presente, uma vez que uma prática religiosa verdadeira só é possível a partir de uma ou de diversas experiências imediatas que possibilitam ao Self alcançar uma plenitude nas quais se submete conscientemente às realidades inconscientes. Entretanto, faz-se necessário desistir da apropriação dos dinamismos do inconsciente, tornando

... realizável a união dos contrários, que é fonte de energia. De agora em diante, esta energia não retorna mais para a Grande Mãe, para as origens, mas desce para o inconsciente como matriz criadora. É uma questão de posição do ego e de seu lugar no diálogo com o Self. Só então é possível se aproximar de Deus no feminino, e esperar participar do hierogasmos do deus criador e da matriz divina, do casamento sagrado proposto em diversas religiões e retomado também na tradição dos alquimistas³⁰.

Mesmo na escolha de um tipo acabado de símbolo religioso, pode-se constatar que os símbolos da divindade correspondem sempre aos do Self, que se traduzem numa expressão da idéia e da presença de Deus manifestando a totalidade psíquica através da experiência psicológica.

Para **Jung** o objetivo da análise não se limita nem à libertação das neuroses, dos sofrimentos e das inibições que impedem o crescimento humano; nem a função levar o sujeito a conhecer seu potencial criativo e a realizar-se criativamente como indivíduo, liberando e atualizando riquezas interiores bloqueadas. Mas, acima de tudo, tem como meta levar o sujeito

²⁷ SAINT-EXUPERY, in BOFF, Leonardo, in BOFF, L. e LELOUP, J. Y. – *Terapeutas do Deserto: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckeim*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 86.

²⁸ FRAISSE, Anne – *Fonte de Fogo: Ensino e Iniciação: Vida, Morte e Renascimento num Percorso Analítico*. Rio de Janeiro: Mauad, Bapera, 1998, p – 95.

²⁹ WEIL, Pierre, in BOFF, L. e LELOUP, J. Y. – *Terapeutas do Deserto: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckeim*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 86.

³⁰ FRAISSE, Anne – *Fonte de Fogo: Ensino e Iniciação: Vida, Morte e Renascimento num Percorso Analítico*. Rio de Janeiro: Mauad, Bapera, 1998 – p. 66.

a reconhecer um poder maior interior (o Self), que é divino, e ao qual o ego deve se subordinar e estar a serviço.

Ele amplia o objetivo da psicoterapia para muito além da cura de sintomas e da adaptação da personalidade, enfatizando a cura da alma e a abordagem do numinoso, traçando como metas a transformação espiritual, a auto-realização e a experiência da plenitude do lado transcendente da vida.

Nessa ótica, desenvolvimento espiritual e desenvolvimento psíquico são uma mesma e única coisa. Ambos fazem parte de um mesmo processo e levam a um sentido ético na vida.

Desta forma, seria papel do terapeuta auxiliar o cliente em sua reconstituição de uma "religião" verdadeira, ou seja, de uma atitude reverente e atenta em relação ao fator "numinoso" íntimo que é o Self.

Isso está intrinsecamente ligado à maneira como concebemos o ser humano. O "olhar" do terapeuta traz conseqüências concretas no trabalho psicoterápico e na vida do sujeito com quem trabalha. Só podemos perceber o outro a partir de nós mesmos.

Somente conhecendo profundamente a si mesmo, conhecendo seus múltiplos olhares, é que o terapeuta pode ampliar seu campo de visão e verdadeiramente olhar na direção do outro e com ele entrar em relação, para juntos poderem enxergar um mesmo horizonte, possibilitando a transformação de ambos, através de uma nova maneira de verem a si mesmo, passando

Do olhar que estreita e subtrai,
para o olhar que amplia e engrandece.
Do olhar que julga e condena
para o olhar que compreende e perdoa.
Do olhar que teme e se esquiva
para o olhar que confia e atreve.
Do olhar que separa e exclui
para o olhar que acolhe e religa³¹.

Na visão de **Jung**, o caminho que leva a individuação é o mesmo conectar-se com a sua espiritualidade, com o Self.

Somente vivenciando-o, o terapeuta poderá ouvir, sentir e enxergar o sagrado em si e, conseqüentemente, no outro. Uma vez que *o sagrado cada um carrega dentro de si*³², ele é parte do Self e sempre está presente, em toda e qualquer forma de expressão do ser. Cabe ao terapeuta evocá-lo.

³¹ CREMA, Roberto – Antigos e Novos Terapeutas: Abordagem Disciplinar em Terapia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002 – p. 301.

³² BOFF, Leonardo, in BOFF, L. e LELOUP, J. Y. – Terapeutas do Deserto: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckeim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 137.

A MANIFESTAÇÃO DO NUMINOSO NO ESPAÇO TERAPÊUTICO

A experiência do numinoso é sempre única, inesperada e inexplicável. Revela a sabedoria da natureza.

O numinoso nos fascina, na medida em que nos permite uma descoberta. Por outro lado, nos amedronta, uma vez que questiona a nossa forma habitual de ser, ver e entender o que nos rodeia. Trata-se de uma vivência que é ao mesmo tempo inquestionável e inexplicável.

Sua manifestação é vasta. Para uns, o numinoso é encontrado na natureza. Para outros numa obra de arte. Para alguns na música ou no canto de mantras. Outros o percebem no encontro amoroso. Há ainda os que o descobrem na solidão absoluta, percebendo-se envolvido por uma presença.

Não há lugar específico para se vivenciar o numinoso. Pode ser numa praia, diante da imensidão do mar; ou num local sagrado, num templo, igreja ou sinagoga. Pode ser em meio a uma guerra, no momento de um acidente ou num quarto de hospital.

Muitos encontram o numinoso diante da dor física intolerável ou da dor pela perda de um ente querido. Não raro são os relatos dos que têm essa vivência diante da proximidade da morte.

São múltiplas e únicas as manifestações do numinoso. Para cada um há uma expressão, uma linguagem própria. Mas sempre, seja como for, ele permite uma abertura do finito para o infinito, ampliando a consciência quando conseguimos enxergar nele um sentido e assimilar seu significado, trazendo, dessa forma, uma possibilidade de mudança de vida, de transformação.

Quando o cliente fala desse contato, faz-se necessário auxiliá-lo a integrar essa vivência a sua experiência.

Requer que a própria pessoa se autorize a conectar-se com a sua nova experiência, acolhendo-a, independente da intensidade ou da profundidade desta, considerando que o contato com os "*mistérios*" de cada expressão religiosa fala diretamente – simbolicamente – com o nosso inconsciente, satisfazendo nossa religiosidade.

Ao terapeuta não cabe o julgamento da experiência, mas sim respeitá-la e aceitá-la, independente de seu credo e valores, pois

Esses mistérios sempre foram a expressão de uma condição psicológica fundamental. A pessoa externa suas condições psicológicas fundamentais e mais importantes neste rito, nesta magia, ou qualquer nome que possa ter. E o rito é o desempenho cultural desses fatos psicológicos básicos ... Um rito deve ser realizado segundo a tradição e, se houver nele qualquer mudança que seja, incorre-se em erro. Não se deve permitir que a razão nele interfira. (...) Não estamos psicologicamente

desenvolvidos o suficiente para entender a verdade, a verdade extraordinária dos ritos e dos dogmas. Por isso esses dogmas nunca deveriam ser submetidos a qualquer tipo de crítica³³.

O papel do terapeuta aqui se assemelha ao de guia espiritual. Cabe a ele não somente escutar, acolher e interpretar, mas, principalmente, possibilitar a retomada deste contato.

Para isso, não há uma fórmula ou uma técnica específica. Para cada um há um caminho e cabe ao terapeuta acompanhar a jornada, seguindo o caminho que o cliente aponta, usando não só dos instrumentos que dispõe, mas da experiência adquirida em seu próprio percurso.

Na prática clínica, seja na escuta, no tocar, ou no processo de criação, sinto o numinoso no encontro com o outro, nos momentos em que percebo estar em total sintonia com o cliente que atendo.

Há, aí, uma ressonância, de forma que cliente e terapeuta se relacionam

... um com o outro, sem a nuvem de projeções que permeia as relações normalmente. Eles se vêem como são, percebendo e respeitando suas diferenças. Podemos dizer que um processo terapêutico vai transformando as projeções do cliente em possibilidade de estabelecer uma relação real com o psicoterapeuta e com as pessoas de sua vida. O processo vai da transferência para a relação real (ressonância) e da contratransferência também para a relação real, pois o psicoterapeuta também passa pelo mesmo processo com o cliente³⁴.

Diz **Samson**: *A terapia é uma arte, que se molda a cada instante. Nela, cliente e psicoterapeuta constroem a história de um processo de cura, que terá uma cara única e a assinatura dos dois*³⁵.

Quando entram em relação, cliente e psicoterapeuta formam um campo, um corpo relacional, um terceiro, que pertence aos dois. É a partir deste corpo relacional que as intervenções podem se dar. Quando este é respeitado e compreendido, independente da técnica utilizada, gera transformações nos dois.

O campo relacional é único para cada processo psicoterápico, uma vez que a análise ... *tem a amplitude do destino de cada um, de sua relação consigo e com o meio*³⁶. Nele são compartilhados inúmeros conteúdos conscientes e inconscientes. Assim, tanto o cliente como o psicoterapeuta podem vivenciar na relação um afeto ou um conteúdo que não lhes pertence exclusivamente, mas pertence ao outro ou mesmo ao campo relacional formado pelos dois. O campo relacional como um todo nos dá a idéia da imensidão de conteúdos inconscientes que são compartilhados entre cliente e psicoterapeuta.

³³ JUNG, C.G - A Vida Simbólica. Petrópolis: Vozes. V.XVIII/1. 1998, par. - 270.

³⁴ DOABELLA, in SAMSON, André - Transferência e Contratransferência em Psicoterapia Corporal, p - 12.

³⁵ SAMSON, André - Transferência e Contratransferência em Psicoterapia Corporal, p 24.

³⁶ FRAISSE, Anne – Fonte de Fogo: Ensino e Iniciação: Vida, Morte e Renascimento num Percurso Analítico. Rio de Janeiro: Mauad, Bapera, 1998, p – 164.

Seja qual for a técnica ou teoria utilizada, a transformação na psicoterapia somente ocorre quando há um “acontecimento” na relação terapêutica. Quando a relação se faz viva, possibilitando com que terapeuta e cliente se transformem.

Há uma comunicação direta entre ambos, de forma que a experiência do numinoso se dá sempre fora do tempo e do espaço, numa conexão que ultrapassa a consciência.

Para **Jung**, as dimensões espirituais e criativas se misturavam. Ele via *a totalidade da cultura humana, como os mitos, a arte, a música etc. como manifestações do espírito*³⁷. Tal pensamento é compartilhado por **David Steindl-Rast**, quando diz que a arte o convida a *dizer sim a vida em sua plenitude*³⁸.

Na vivência da Arteterapia o poder e o mistérios do Self podem ser observados de perto, uma vez que o simbolismo expressivo é um modo de dizer algo impossível de ser dito diretamente.

Como o que é simbolizado trás um conteúdo de grande valor para o sujeito, as atitudes das pessoas perante seus símbolos raramente são neutras; geralmente vêm com grande carga afetiva. Isso ocorre porque há uma tendência a se transferir o valor do conteúdo simbólico para o símbolo, de forma que este ganha um sentido e um significado para o ego.

Assim, o contato com os diferentes canais expressivos da Arteterapia são facilitadores do contato com o numinoso.

No trabalho corporal, observa-se que, no movimento, ele se faz presente na dança harmônica que flui; e, no toque, ele se presentifica no sentimento de existência, que ocorre não só quando se é tocado, mas quando ao tocar o outro, o terapeuta se deixa tocar.

Nas artes plásticas ele surge na configuração de imagens que se concretizam nos mais diversos materiais, trazendo o sentido na forma, que possibilita a compreensão do que até então estava obscuro.

Nos contos e mitos, ele aparece na linguagem poética³⁹ do tempo imemorial e aespacial, fazendo ligações entre passado, presente e futuro, e, também, entre o simbólico, o imaginário e o real, unificando-os no momento presente da relação terapêutica. As histórias guardam mistérios. Falam de vivências profundas e nos conectam com o Inconsciente, trazendo novas

³⁷ CAVALCANTI, Raissa – O Retorno do Sagrado: a Reconciliação entre Ciência e Espiritualidade. São Paulo: Cultrix, 2000 - p. 150

³⁸ In CAPRA, Fritjof, STEINDL-RAST, David – Pertencendo ao Universo: Explorações nas Fronteiras da Ciência e da Espiritualidade. São Paulo: Cultrix/Amaná, 1999, p – 140.

³⁹ Que como afirma David Steindl-Rast é a linguagem da experiência religiosa: “A linguagem religiosa é a linguagem da poesia. A linguagem da teologia não é poesia; é filosofia. Você poderia dizer que a experiência religiosa se manifesta em poesia, e que a teologia é sua crítica literária”. In CAPRA, Fritjof, STEINDL-RAST, David – Pertencendo ao Universo: Explorações nas Fronteiras da Ciência e da Espiritualidade. São Paulo: Cultrix/Amaná, 1999, p – 142

percepções e possibilitando o movimento de energias estagnadas. Por meio delas, ... *o velho sábio pode dar a mão à criança interior. É imaginação unindo memórias e desejos*⁴⁰.

Na música, ele se faz presente tanto no exato momento em que ela é cantada quanto ao ouvi-la, quer estejamos ou não atentos a ela. Em ambos, conscientemente ou não, escutamos a nós mesmos através de ritmos e melodias. Pois

... vivemos todas as formas musicais, os coros arcaicos do homem primitivo, os tambores de alerta, os coros de celebração, o sussurro de vozes ocultas, o madrigal da ternura, o contraponto de nossa obstinação, as réquies da noite e os alegros da alvorada. Mas também escutamos toda a estridência, os gritos de pânico, os insultos, os chamados de socorro, as súplicas, o zumbido da morte, o alarido de nossos irmãos em um adágio que se despreza com voz silenciosa⁴¹.

O numinoso atravessa a relação terapêutica, mobilizando ambos: cliente e terapeuta, que compartilham de um mesmo sentimento e de um mesmo sentido. Ambos vivenciados no momento presente - no aqui e agora da relação. Trata-se de um encontro na unidade e na profundidade que circunda o campo relacional.

E quando isso acontece, não há fala, não há palavras... Há somente uma expansão na interiorização e a abertura do coração, que possibilita um encontro que se dá de coração para coração.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

ARANEDA, Rolando Toro - *Teoria da Biodança: Coletânea de Texto*, Tomo III, ALAB, Fortaleza, 1991.

BOFF, L. e **LELOUP**, J. Y. – *Terapeutas do Deserto: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckeim*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BREHONY, Kathleen - *Despertando na Meia Idade*. São Paulo: Paulus, 1999.

CAPRA, Fritjof, **STEINDL-RAST**, David – *Pertencendo ao Universo: Explorações nas Fronteiras da Ciência e da Espiritualidade*. São Paulo: Cultrix/Amaná, 1999.

CAVALCANTI, Raïssa – *O Retorno do Sagrado: a Reconciliação entre Ciência e Espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 2000.

CREMA, Roberto – *Antigos e Novos Terapeutas: Abordagem Disciplinar em Terapia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

⁴⁰ TRINDADE, Ana Lucília – Arte, Healing e suas Paisagens, in Revista Elos: Estudo da Consciência, Healing, Energia e Crença. Salvador: Logos, ano 1, nº 1, 2002, p - 92.

⁴¹ ARANEDA, Rolando Toro - Teoria da Biodança: Coletânea de Texto, Tomo III, ALAB, Fortaleza, 1991.

DOABELLA, in SAMSON, André - *Transferência e Contratransferência em Psicoterapia Corporal*, Mimeo.

FRAISSE, Anne – *Fonte de Fogo: Ensino e Iniciação: Vida, Morte e Renascimento num Percorso Analítico*. Rio de Janeiro: Mauad, Bapera, 1998.

HALL, C. S. e **NORDY**, V. J., *A Primer of Jungian Psychology*, Nova York, New American Library, 1973.

HOELLER, Stephan – *A Gnose de Jung e os Sete Sermões aos Mortos*. São Paulo: Cultrix, 1991 – p. 252/253.

JUNG, C. G. – *A Energia Psíquica*, Obras Completas, vol. VIII/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
----- - *A Psicologia da Transferência*. Obras Completas, vol. XVI. Petrópolis, RJ: Vozes – 1998.
----- - *A Vida Simbólica*. Obras Completas, vols. XVIII/1-2. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998 – 2000.
----- - *Civilização em Transição*. Obras Completas, vol. 10. Petrópolis, RJ: Vozes – 1993.
----- – *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

LOGOS - Revista Elos: Estudo da Consciência, Healing, Energia e Crença. Salvador: Logos, ano 1, nº 1, 2002.

POMAR - *Revista Imagem da Transformação*. Rio de Janeiro: Pomar v. 8, 2001.

SAMSON, André - *Transferência e Contratransferência em Psicoterapia Corporal*, Mimeo.

SHARP, Daryl - *C. G. Jung Lexicon: A Primer of Terms and Concepts*, Toronto, Inner City Books, 1991.

STEIN, Diane – *I Ching para Mulheres: uma Visão Moderna do Oráculo Racional*. São Paulo: Record: Nova Era, 2001.